

## BITUCAS E A MATERIALIZAÇÃO DO EQUÍVOCO: QURNA E SUAS PAISAGENS POTENCIAIS\*

José Roberto Pellini\*\*



**Resumo:** talvez a maior violência epistêmica perpetrada pelo Ocidente contra o Egito não tenha sido a apropriação de suas materialidades, mas a construção da ideia de um Egito exclusivamente faraônico. Como consequência deste processo de idealização, a paisagem egípcia passou a ser modelada por arqueólogos, egiptólogos e pelo governo egípcio para representar apenas o passado faraônico. A expulsão dos moradores da vila de Qurna foi o desfecho trágico deste processo. Mais de dez anos depois do processo de expropriação da comunidade qurnawi muito ainda precisa ser compreendido, principalmente como nossas abordagens científicas afetam as comunidades locais. Neste sentido proponho discutir o conceito de paisagem a partir das teorias locais, mostrando que antes de ser um elemento fixo, a paisagem é resultado de uma relação.

**Palavra-chave:** Paisagem. Ontologia. Relacionalidade. Egito. Qurna.

### CIGARETTE BUTTS AND THE MATERIALIZATION OF EQUIVOCATION: QURNA AND ITS POTENTIAL LANDSCAPES.

**Abstract:** Perhaps the greatest epistemic violence perpetrated by the Western against Egypt was not the appropriation of its materialities, but the construction of the idea of an exclusively pharaonic Egypt. As a consequence of this idealization process, the Egyptian landscape started to be modeled by Archaeologists, Egyptologists and the Egyptian government to represent only the Pharaonic past. The expulsion of the residents of the village of Qurna was the tragic outcome of this process. More than ten years after the process of expropriation of the Qurnawi community, much remains to be understood, especially how our scientific approaches affect local communities. In this sense, I propose to discuss the concept of landscape based on local theories, showing that before being a fixed element, the landscape is the result of a relationship.

**Keywords:** Landscape. Ontology. Relationality. Egypt. Qurna.

\* Recebido em: 21.04.2020. Aprovado em: 06.07.2020.

\*\* Doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo. Professor da Universidade Federal de Minas Gerais. *E-mail:* jrpellini@gmail.com



O dia está ensolarado como de costume em Sheik Abdel Qurna. Não faz muito calor e uma leve brisa sopra calmamente acariciando meu rosto. paro um instante para descansar, acendo um cigarro e me ponho a olhar a montanha. Eu simplesmente amo estar aqui. Tenho fascinação pelo deserto. É um lugar que me acalma, que me tranquiliza. Talvez seja o silêncio do lugar. Talvez seja o ritmo diferente, já que o tempo aqui parece correr mais lento, sem a pressa e a ansiedade da cidade. Nas cidades, a estimulação quase opressora me afeta drenando minha energia, meu animo, me deixando irritado ao ponto do meu corpo se anestesiarem para se proteger. Aqui não, a constância e a calma dos estímulos fazem meu corpo ter tempo para assimilar as informações do meio. Se na cidade me fecho ao entorno e vivo como o *flâneur* de Baudelaire, aqui consigo me conectar com a paisagem. Mas não é só isso, pois o deserto para mim é um lugar meio mágico, sobretudo aqui em Qurna. Há uma força, uma energia que é difícil de explicar. Não é nada que tenha a ver com o mundo faraônico, é algo que para mim, está associado à sensação de que o deserto é um espaço liminar, um espaço que é habitado por múltiplos seres. É algo que os egípcios daqui já perceberam há muito tempo. Por exemplo, quando alguém em Qurna tem algum problema de saúde e não consegue uma solução no mundo médico, recorrem à montanha, principalmente homens e mulheres que têm problemas de fertilidade.

Me perco em meus pensamentos até que de repente meu olhar é capturado por um ponto branco no chão do pátio da tumba. Me chama a atenção pois é algo que não se encaixa na paisagem e na imagem da tumba. Vou mais perto e vejo que é uma bituca de cigarro. Uma não, dezenas, centenas. Estranho pensar que a cinco minutos atrás elas pareciam não existir. Resolvo começar a coletá-las. Eu me agacho no chão e, com um saco na mão, começo a pegar uma por uma mecanicamente. Mas, à medida que avanço, começo a ver que cada uma das bitucas tem um formato diferente e isso dispara minha imaginação. Umas estão amassadas, outras inteiras; umas tortas para a direita, outras para a esquerda; algumas estão mais retorcidas, como se tivessem sido apagadas com raiva, outras estão inteiras, firmes, como se tivessem sido fumadas até o limite em um momento de ansiedade; algumas estão compactas, como se tivessem sido cravadas no cinzeiro ou em alguma superfície, outras estão achatadas, provavelmente apagadas com uma pisada; outras ainda estão completamente destroçadas, talvez esfregadas por sapatos pesados contra o chão. Impossível não pensar nas pessoas que fumaram estes cigarros. Homens, mulheres, adultos e adolescentes, egípcios e ocidentais. Imagino as pessoas depois de uma caminhada, parando aqui para fumar um cigarro, descansar e discutir alguma coisa. Imagino inspetores e agentes do governo tomando decisões sobre o sítio enquanto fumam um cigarro. Imagino turistas parando para ver a entrada da tumba e acendendo um cigarro para aproveitar o momento. Imagino os moradores de Qurna passando e jogando o cigarro no chão enquanto decidem como e onde buscar água. Há tantos sabores, odores e humores que é difícil imaginar todas as histórias por detrás destas materialidades. Histórias que deram significado às diferentes presenças e ausências nesta paisagem. Resolvo guardar todas 1134 bitucas que coletei. Registro, fotografo, dou número de catálogo. Muitos da equipe se perguntam, por que ele está guardando esse lixo todo? Talvez se fossem bitucas de cigarro de Ramsés II ou de Tutmósis III ninguém acharia estranho. Mas são bitucas de pessoas anônimas e de um passado recente, materialidade fugaz e irrelevante para o discurso egiptológico, afinal de contas, aqui ninguém coleta aquilo que não é arqueológico e arqueológico aqui são apenas os restos do passado faraônico. Para mim, olhar essas bitucas me fez pensar nas histórias dos indivíduos que fumaram esses cigarros, me fez pensar em como eles são sistematicamente silenciados e apagados da história e da paisagem, simplesmente porque a disciplina que deveria estudar o passado egípcio se preocupa somente com o passado faraônico e helênico e não com o passado recente. Para a Egiptologia estas histórias recentes não existem e, quando existem, são ignoradas. Desta maneira é como se o passado islâmico ou copta nunca tivesse existido, é como se aqueles que fumaram esses cigarros nunca tivessem estado aqui.

Segundo Silberman (2000), o silenciamento do passado recente das populações locais é uma realidade não só no Egito, mas em todo o Oriente Próximo. Segundo o autor, quando a Arqueologia praticada no Oriente Próximo considera o passado recente, é para criticar a ocupação e destruição de sítios arqueológicos. É como se a vida dos aldeões modernos, muitos deles ligados ao trabalho arque-



ológico, simplesmente não tivesse significado nenhum para a história. Segundo o autor, neste sentido, arqueólogos e egiptólogos não apenas são o registro das práticas colonialistas, mas se tornam também coautores dos discursos hegemônicos, sedimentando as políticas de dominação que resultaram na domesticação do passado e do presente.

No Egito, este processo de domesticação do passado teve início com a chegada de Napoleão em 1789. Napoleão, quando desembarcou no Egito, levou não apenas seus canhões, mas também um grupo de notáveis que tinha por finalidade descrever o Egito, uma estratégia que tornava mais fácil o processo de conquista e dominação. O Egito precisava se tornar um livro aberto para poder ser lido pelo poder colonial. Seguindo o avanço do exército napoleônico, a missão científica registrava com impressionante detalhismo os monumentos, os minerais, a fauna e a flora, assim como os hábitos e costumes antigos e contemporâneos (PELLINI, 2018, 2020). A opção pelo registro detalhado de tudo o que era observado não foi uma escolha metodológica fortuita, pois a ideia era fazer um registro fiel, ou científico, daquilo que estava sendo retratado. O registro aqui era pensado como um substituto do real.

Os resultados da missão foram publicados na série *Description de l’Egypte, ou recueil des observations et des recherches qui ont été faites en Egypte pendant l’expédition de l’armée française* (JOMARD, 1821). Considerada como marco fundador da Egiptologia, a obra foi um grande sucesso de público. A riqueza de detalhes gerava naqueles que folheavam as páginas dos imensos volumes, uma sensação de imersão e a certeza de que eles estavam diante de um Egito real e não de uma representação.

No rastro do sucesso da *Description de l’Egypte*, feiras, palestras, exposições, romances e a literatura dos viajantes passaram a utilizar das mesmas técnicas retóricas e metodológicas da descrição detalhista para apresentar o suposto Egito real ao público. Na Feira Mundial de Chicago, em 1893, por exemplo, o estande egípcio na Midway Plaisance contou com 26 edifícios extremamente realistas. Shepp e Shepp (1893) resumem assim a experiência do estande na feira de Chicago:

For a moment, we feel that we are indeed in the Land of the Nile, all the full current of Egyptian life flowing about us and healing us along on its tide. What must be the feelings of those who have never travelled beyond the limits of America as they gaze on this scene? They have not visited Africa; but here, in Jackson Park, Africa has visited them. The spectacle is ravishing, fascinating! (SHEEP AND SHEPP, 1893, p. 508).

Embora o detalhismo criasse a sensação de um Egito real, o que era representado em exposições como as de Chicago, Paris e muitas outras no século XIX, não era a realidade em si, mas um grupo de referências, de representações, de imagens específicas que moldavam uma determinada imagem do Egito de acordo com os interesses coloniais. (MITCHELL, 1998, 2002). Quanto mais estas imagens se repetiam, mais naturalizada se tornava a associação entre o passado egípcio e o passado faraônico. E mais, pois ao mesmo tempo em que as retóricas descritivas naturalizavam a glória do passado faraônico, retratavam o Egito moderno enquanto subalterno, atrasado, selvagem e decaído, sugerindo uma certa involução da sociedade egípcia. Charles Sonnini, um comerciante de antiguidades, por exemplo, em sua visita ao Egito no final do século XVIII descreveu a vila Qurna como:

(...) the resort of the most formidable banditti, the meanest, the most frightful, and most miserable place in appearance I ever beheld (SONNINI, 1800, p. 650).

Já Florence Nightgale, escritora e viajante no século XIX, quando não invisibilizava totalmente a população egípcia em seus diários, as transformava em animais selvagens:

A sycamore by the river's shore, which was the coffee-house, was the only thing human - the white domes or bee-hives, the mud walls without windows, which enclosed a yard, in the corners of which were the lairs of families, the nest so flattened children, squatting between two stones (like nests of young foxes) - running away when you looked at them, and then baying like jackals after you... things about four months old, climbing about like lizards... (SATTIN, 1987, p. 111-2).

Nas narrativas presentes na *Description de l’Egypte*, nas obras de viajantes como Edward Lane, Gustave Flaubert, Florence Nightgale, de egiptólogos como Rhind, Gardner Wilkinson, Belzoni e



Sonnini, bem como daqueles presentes nas feiras e exposições, o que vemos é a criação de dois cenários distintos, um glorioso, ordenado e civilizado e outro exótico, decaído e atrasado. Estes cenários foram sedimentados e sancionados pelo discurso hegemônico, preparando e direcionando a experiência perceptiva do público, sobretudo do público ocidental. Neste sentido, não é de se estranhar a frustração do escritor Gerard Nerval quando ele visitou o Cairo em meados do século XIX. Em uma carta direcionada a um amigo, Nerval diz:

Think of it no more...That Cairo lies beneath the ashes and dirt ... dust-laden and dumb...I really wanted to set the scene for you here...but ... it is only in Paris that one finds cafés so Oriental (MITCHELL, 2002, p. 29).

A reação de Nerval ao se encontrar com o Egito é extremamente significativa e mostra a força deste processo de domesticação do passado, pois para Nerval, o Egito dos livros, dos cafés em Paris, das feiras e exposições era mais real que o Egito real. O que ele esperava encontrar ao chegar ao Cairo era o Egito dos livros e das Feiras, o Egito das glórias faraônicas, aquele apresentado na *Description de l’Egypte* e nas obras de Lane. Mas o que ele encontrou foi uma paisagem totalmente diferente do que ele esperava, caracterizada por estímulos e afetos que para ele eram dissonantes. Para que esta dissonância fosse evitada era necessário moldar a paisagem ao discurso idealizado sobre o passado. Desta maneira a idealização do passado egípcio em torno do passado faraônico gerou a necessidade da construção de uma paisagem teatral, que se adequasse às expectativas ocidentais.

A meu ver, a simples ideia de uma paisagem exclusivamente faraônica é uma ficção egiptológica que foi criada para: 1) continuar sedimentando a imagem de um Egito ideal; 2) empoderar o Ocidente e os arqueólogos ocidentais que se veem como protetores do passado egípcio; 3) fomentar o turismo ocidental, quase exclusivamente voltado para o passado faraônico.

Talvez não exista lugar onde este processo seja mais evidente no Egito que no West Bank de Luxor, onde uma paisagem foi sancionada pelo discurso egiptológico em detrimento de outras paisagens, congelando assim a paisagem e transformando lugar em um museu a céu aberto.

#### O WEST BANK DE LUXOR: UMA PAISAGEM DOMESTICADA

Embora a história da paisagem do West Bank de Luxor seja longa e complexa, com mais de 3000 anos de ocupação, nos discursos oficiais, principalmente no discurso egiptológico, somente um fragmento desta história é signifiante: o período faraônico; quando esta área foi utilizada principalmente para o enterramento de nobres, faraós e faranis. A área é conhecida pela Egiptologia como Necrópole Tebana, sendo subdividida em categorias arqueológicas que incluem: o Vale dos Reis, o Vale das Rainhas, a vila de trabalhadores de Deir el Medinah, el Tarif, Dra Abu el Naga, Khoha, Sheikh Abdel Qurna e Qurnet Murai. Transformada em Patrimônio Mundial da Humanidade na década de 1980 pela UNESCO, a Necrópole Tebana é uma das paisagens mais visitadas por turistas em todo o Egito e uma das regiões mais pesquisadas pela Egiptologia. Mas o que os turistas viam nesta paisagem até o ano de 2006, não eram só templos e tumbas, mas casas coloridas de adobe, algumas com mais de duzentos e cinquenta anos, que eram utilizadas como residências por inúmeras famílias egípcias. O conjunto destas casas estabelecidas em meio às tumbas da Necrópole e, em muitos casos, dentro e acima das tumbas, era conhecido localmente como a Vila de Qurna.

De acordo com Van der Spek (2011) e Simpson (2010), a maioria dos egiptólogos argumenta que a ocupação de Qurna teve início com a presença ocidental na área no século XVIII ou XIX. Este é um discurso bastante conveniente ao Ocidente, pois associa a origem da população qurnawi diretamente com o roubo de túmulos e objetos faraônicos, isentando os ocidentais deste processo. No entanto, fontes sugerem que o início da ocupação pós faraônica no West Bank remonta pelo menos ao período bizantino, momento em que os templos de Medinet Habu e Deir el Bahary foram ocupados por comunidades de monges coptas. (SIMPSON, 2010, VAN DER SPEK, 2011). Como nos mostra Gorecki (2014) e O’Connell (2007), entre os séculos III e VIII d.C., muitas tumbas faraônicas localizadas no West Bank foram transformadas em mosteiros ou em celas individuais que eram habitadas por



monges coptas. Em algumas destas tumbas é possível ver inscrições e grafites coptas que comprovam sua utilização como centros religiosos ou residências. Entre os séculos X e XVI da era cristã, é possível que as tumbas tenham sido utilizadas sazonalmente por populações locais, tanto coptas quanto árabes, que as ocupavam em busca de refúgio em momentos de estresse econômico ou social. Isso é difícil de comprovar, desde que a maioria dos arqueólogos trabalhando na Necrópole Tebana pouco se preocupam com este período da história egípcia. Mas como nos mostra Lane, esta é uma grande possibilidade, pois as tumbas eram um local ideal para fugir dos extremos climáticos:

The sepulchral grottoes of El-Ckoo'neh are very comfortable habitations; sheltering the inmates from the heat in summer, and from the cold of the winter months, more effectually than do the huts of the villagers of Egypt... (LANE, 2000, p. 328).

A partir do século XVIII, temos mais informações sobre a ocupação das tumbas, sobretudo por conta dos relatos feitos por viajantes e pelos primeiros egiptólogos a visitarem a área. Edward Lane, em seu *Description of Egypt* é categórico:

The inhabitants of this district live not in houses or huts, but in ancient tombs, excavated in the rock. There is a ruined village here, called El-Ckoo'neh; but without a single inhabitant... Many of the grottoes in the tract adjacent to the mountains, and many of those which are in the sides of the mountains, but not too high to be easily accessible, are now inhabited; the whole population of El-Ckoo'neh, as I have before mentioned, residing in them. The number of inhabited grottoes in this place is between 130 and 150; and few of these are occupied by less than five or six inmates (LANE, 2000, p. 324).

Henry Rhind, em sua descrição do West Bank no século XIX, fornece uma visão mais completa sobre as casas e sobre o estilo de vida desta população.

Of all, the mode of living is simplicity itself, their dwellings, their dress, and their food being of the most primitive kind. The outer rock-cut chambers of the tombs, in conjunction with mud erections in front, serve them as abodes; and these they share with the few cattle which the richer of them possess, the sheep, goats, dogs, fowls, and pigeons, which always go to constitute the household. A heap or two of thick *dhoora* straw, some earthen pots, and cupboards of sun-baked clay, would complete the inventory of the furnishings of an ordinary habitation. The luxury of raised beds formed of a framework of palm branches is of rare occurrence (RHIND, 2002 (1862), p. 290).

Mas não foram apenas os qurnawis que ocuparam as tumbas no West Bank. A primeira casa moderna construída na Necrópole foi justamente a casa de um egiptólogo, Giovanni d'Athanasii, que trabalhava para Henry Salt, cônsul britânico, à procura de objetos faraônicos (MAHMOUD, 2016). Outro egiptólogo, o italiano Piccini, também construiu uma casa na Necrópole na área de Dra Abu el Naga (BIERBRIER, 2014). Gardner Wilkinson, por sua vez preferiu utilizar a Tumba Tebana 38 como habitação. Ele modificou o layout da tumba, construiu um quarto, um escritório, uma sala de jantar, uma cozinha e uma torre de pombos (THOMPSON, 2015). Lane comenta sobre a ocupação das tumbas por europeus, chegando até a sugerir que turistas que pretendem ficar mais tempo em Luxor seguissem o exemplo dos qurnawis e utilizassem as tumbas como moradia:

He who devotes a longer period to the examination of western Thebes will find it more convenient to imitate the modern inhabitants of El-Ckoo'neh, and to choose for his abode one of the ancient excavated tombs, in a central situation. I was accommodated for some weeks in a house at the foot of the hill of the sheikh 'Abd El-Ckoo'neh, built and inhabited by a Greek, long employed in excavating for antiquities for Mr. Salt (LANE, 2000, p. 325).

No final do século XIX e início do século XX, uma série de iniciativas de caráter preservacionista surgidas entre egiptólogos e patrocinadas pelo Serviço de Antiguidades, deu início à tentativa de remoção desta população. Howard Carter, então diretor do Serviço de Antiguidades em Luxor,



bloqueava a entrada de tumbas colocando portas de madeira e depois de ferro na entrada dos sepulcros. Arthur Weigall e Robert Mound em 1905, tentavam convencer os habitantes de algumas tumbas a deixarem suas residências em nome de uma compensação financeira que era paga por Mound (VAN DER SPEK, 2011, 2003). Na década de 1940, uma iniciativa mais estruturada de remoção dos habitantes de Qurna surgiu quando o governo egípcio contratou o arquiteto Fathy Hassan, chamado arquiteto do povo, para projetar uma nova vila para abrigar a população de Qurna. A resistência dos qurnawis, que não queriam abandonar suas casas no West Bank, resultou no fracasso do projeto como um todo. Fathy Hassan (1973), ao tentar justificar o fracasso do projeto que visava a retirada da população qurnawi de suas casas, sugere que não havia dado certo porque a população de Qurna preferia preservar seu estilo de vida de banditismo, do que ir para um local cheio de progresso e de desenvolvimento cultural. Entre os anos de 1992 e 1997 houve algumas tentativas de desapropriação, sobretudo depois da grande enchente de 1992.

O impulso final para a remoção da população de Qurna veio do setor turístico. Como demonstra Mitchell (2002), em 1982, a pedido do governo egípcio, o Banco Mundial contratou uma firma de consultoria para criar soluções que levassem ao aumento do turismo no país. Os consultores chegaram à conclusão que seria necessário em primeiro lugar criar uma infraestrutura nova na cidade, com redes de hotéis internacionais, restaurantes e meios de transporte mais eficientes. Em segundo lugar, seria necessário investir na imagem faraônica de Luxor, transformando a cidade em um museu a céu aberto. Por fim, seria necessário afastar a população local dos turistas, desde que os turistas reclamavam de serem constantemente incomodados pela população local em busca de vender algo. Assim o projeto para fomentar o turismo passava necessariamente não apenas pela adequação da experiência turística ao modelo de turismo ocidental, mas por eliminar tudo aquilo que pudesse incomodar ou que não correspondesse às imagens que os turistas tinham do Egito. De forma pragmática, isso significava a remoção das casas qurnawis, a exposição das tumbas faraônicas e a segregação dos moradores da vila. Tais medidas reafirmavam a imagem de um Egito ideal e faraônico ao mesmo tempo que sedimentavam a ruptura entre este passado e a população moderna.

A expropriação definitiva da população qurnawi ocorreu em 02 de dezembro de 2006, quando a vila foi considerada oficialmente desocupada. Sob o argumento de que vários moradores de Qurna utilizavam tumbas faraônicas como residência, bem como se utilizavam de sua posição privilegiada para saquear e vender materialidades associadas ao passado faraônico, 3200 famílias e aproximadamente 10000 pessoas foram expropriadas de suas casas, no que considero um dos maiores processos de violência epistêmica da atualidade. Para comemorar a vitória do discurso cientificista, o governo egípcio realizou uma cerimônia no West Bank, que foi transmitida por emissoras de televisão e contou inclusive com crianças vestidas de faraós tocando instrumentos de percussão. Entre um discurso e outro, as casas qurnawis eram destruídas por tratores, em frente aos antigos moradores.

O silêncio de grande parte da comunidade arqueológica que trabalha no Egito frente ao processo de expropriação da comunidade qurnawi não é surpreendente, desde que, para a Arqueologia egípcia e para a Egiptologia, a vila de Qurna era uma anomalia que precisava ser apagada da paisagem. O silêncio da comunidade científica diante da expropriação da comunidade qurnawi ratificou a ideia de que o West Bank deveria ser limpo e retratar apenas o passado faraônico, o teatro idealizado pelos poderes coloniais e sancionado pela Egiptologia e pela Arqueologia.

#### QURNA, UM CASO ISOLADO?

O que aconteceu em Qurna não é um fato isolado. Casos semelhantes se espalham por todo o Egito. Em Nazlet el-Semman, uma vila próxima às Pirâmides, enquanto os arqueólogos reclamam do comportamento dos vilarejos, acusando-os de não se importarem com o passado faraônico, os moradores locais reclamam que os arqueólogos se preocupam exclusivamente com o passado, deixando de lado as preocupações e demandas das populações atuais (WYNN, 2007). Segundo Wynn (2007), parte da reclamação dos moradores locais diz respeito às leis de zoneamento que foram criadas à revelia da população e que limitam o que eles podem fazer dentro de suas próprias casas:



(...) a complicated law was enacted that divides up the village into zones (designated A, B, and C), according to their suspected archaeological value, and prohibits villagers who live in prime archaeological Zone A not only from building new homes but even from making the slightest repair to existing homes (WYNN, 2007, p. 69).

O descontentamento dos moradores locais é bem evidente em uma entrevista relatada pela autora onde, segundo ela, um morador observou que:

(...) artefacts of the past were to be found under every Egyptian home, including President Mubarak's in Heliopolis, and that it was curious that the archaeologists weren't interested in digging under Mubarak's home, focusing instead on poor villagers who had less political clout (WYNN, 2007, p. 69).

No Oásis Baharya, a população também foi expropriada de suas casas em nome do passado faraônico. Assim como em Qurna, tratores derrubaram as casas em frente à população. O mais incrível neste caso é que a derrubada das casas foi mostrada no primeiro episódio do reality show estrelado por Zahi Hawass chamado *Chasing Mummies*. A cena começa com os aprendizes de Hawass em frente ao Serviço de Antiguidades se aprontando para seguir para o Oásis. Enquanto os carros se deslocam em alta velocidade, legendas mostram que em 1996 foi identificada uma grande necrópole na área do Oásis, denominada de Valley of the Golden Mummies. Um plano geral mostra cenas dos moradores do Oásis. Uma tomada mostra os carros chegando em alta velocidade, alinhados como em um filme de ação. Quando os carros param, aparecem várias casas em ruínas e Hawass, com um ar sério, explica que as casas estão sendo derrubadas e que ele está lá para supervisionar o processo. Um dos jovens aprendizes pergunta, espantado, porque as casas estão sendo derrubadas. Hawass neste ponto conta sobre a descoberta da necrópole e da necessidade de protegê-la, mesmo que isso implique a remoção das pessoas de suas casas. Mas ele ressalta que as pessoas que estão perdendo suas casas estão recebendo pedaços de terra para onde poderão se mudar. Tudo é tratado de forma muito pragmática e natural, como se nenhum ato de violência estivesse sendo cometido. Tomadas mostram tratores derrubando de maneira quase épica as casas da população local. Alguns closes mostram pessoas carregando itens pessoais com pressa. As paredes de abobe caem feito castelos de areia, os tetos de palha são rasgados feito folhas de papel. A nuvem de poeira cobre tudo e mais uma casa vem ao chão, tudo sob o olhar às vezes incrédulo, mas sobretudo complacente dos novos aprendizes, que parecem mais preocupados com a própria segurança diante do movimento dos tratores do que com as pessoas que foram retiradas de suas casas.

A violência epistêmica aqui utilizou o recurso televisivo objetivando corpos e casas e fazendo com que o processo de expropriação dos egípcios modernos do Oásis não fosse visto como um ato agressivo. Isso aconteceu através de um processo de higienização da violência, já que em nossos confortáveis sofás, não sentimos o cheiro da poeira, não escutamos o barulho dos tratores ou o choro das crianças. A experiência televisiva é explícita em seu distanciamento das vivências do cotidiano, bem como no privilégio sensorial da visão. Neste cenário, as relações de dominância passam a ser marcadas pelo aumento da distância perceptiva e, assim, social em relação ao corpo do outro.

Em maio de 2010, a Reuters apresentou uma reportagem que apontava que a população de Luxor estava processando o governo egípcio por causa da tentativa de construção de um porto e uma doca para 180 cruzeiros na vila de el-Marisi, na beira do Nilo. O projeto de 210 hectares e orçado, na época, em um bilhão de dólares, iria impactar cerca de dez mil pessoas que teriam suas casas expropriadas pelo governo. Segundo o que mostra a reportagem, Abdel Aty, um dos advogados envolvidos no caso, afirmava que a expropriação dos moradores da área a ser afetada era ilegal, desde que a expropriação de uma propriedade privada no Egito só podia acontecer em benefício da comunidade, o que não era o caso já que o projeto era da iniciativa privada. O grupo propunha a construção do cais em outro lugar, o que pouparia a vila e seus moradores. No final, o porto não foi realizado por conta da queda do governo Mubarak.

Tanto em Qurna quanto em Nazlet el-Semman e no Oásis Baharya, o discurso que justifica a expropriação da população é o discurso da preservação da paisagem faraônica, com seus templos,



tumbas e objetos. Ao mesmo tempo, em todos estes casos, a contrapartida para a remoção é a entrega de casas novas, de um pedaço de terra. A doação de uma nova moradia por parte do governo não elimina a violência, até porque muitas destas famílias não queriam sair de suas casas. Não é só uma casa que é destruída no processo de expropriação, mas as memórias e parte da identidade, desde que muitas destas comunidades tinham sua identidade justamente ligada ao local onde habitavam. A migração envolve toda a modificação das relações senso-afetivas destas populações, pois envolvem novas formas de afetar e serem afetadas pelo mundo (PELLINI, 2018).

#### PAISAGENS POTENCIAIS: UMA PROPOSTA.

Casos como o de Qurna, Nazlet el-Semman e do Oásis Baharya, mostram o que pode acontecer quando pensamos na paisagem como um conceito fechado. No caso do Egito, a ideia de uma paisagem que representa única e exclusivamente o passado faraônico enquanto atende aos interesses hegemônicos, silencia as populações locais que pensam a paisagem de maneira mais fluída e dinâmica. Longe de ser um teatro animado, a paisagem para os qurnawis é um lugar que transcende a paisagem altamente visível dos monumentos e sítios arqueológicos para incluir o domínio do invisível onde habitam anjos, santos, gênios e demônios. Para os qurnawis a paisagem é um lugar que contém energias e *baraka* e onde uma tumba como a TT123, a tumba em que o Programa Arqueológico Brasileiro no Egito têm trabalhado desde 2016, pode ser uma tumba, uma casa, um estábulo ou qualquer outra coisa. Este é um mundo múltiplo que não pensa em opostos ou em híbridos (LATOURE, 1993). Esta não é uma paisagem inerte, um cenário de fundo, mas é um espaço habitado por seres e forças dinâmicas em contínuo estado de devir, que se constituem e materializam a partir de vínculos particulares e relacionais (DELEUZE, 1987).

Tudo seria muito tranquilo se estes dois mundos, o da paisagem idealizada do Estado e dos arqueólogos e o da paisagem dinâmica dos qurnawis, convivessem em harmonia, mas não é o que acontece, desde que a Arqueologia e o Estado não reconhecem a plasticidade da paisagem qurnawi. O comportamento dos agentes do Estado e dos arqueólogos frente a comunidade qurnawi é assim marcada por aquilo que Viveiros de Castro (2004) chama de equívoco. Para o autor, equívoco não é a falta de entendimento entre duas pessoas ou entre diferentes grupos sociais, mas a falha em reconhecer que as verdades dos outros são verdades em seu próprio direito. O equívoco neste caso está no fato de que tanto a Arqueologia praticada no Egito, quanto o Estado egípcio não só defendem que a única paisagem possível é a paisagem faraônica, como também defendem a volta da paisagem atual à sua suposta condição original. Discutir paisagem neste contexto é assim absolutamente central, desde que tal discussão poderia levar à diminuição dos equívocos que ocorrem entre as diversas vozes presentes no West Bank de Luxor.

Como já bem demonstrou Alberti *et al* (2011), Holbraad (2009), Jones e Boivin (2010), a Arqueologia, pelo menos em suas correntes mais tradicionais pensa a materialidade, incluída aqui a ideia de paisagem, a partir de modelos representacionistas, ou seja, modelos onde predomina a crença de que existe uma distinção ontológica entre representações e o que as representações representam, onde o que é representado independe das formas de representação. Nestes modelos tendemos a assumir que a realidade é algo dado, pré-existente e universal e que apenas sua leitura é que é variável. Aqui os elementos materiais são na realidade uma representação do eu ou da sociedade, de uma norma ou regra social, de um processo de adaptação extra somático ou mesmo de um elemento simbólico e, sendo assim, os elementos materiais representam algo mais que eles próprios, eles são um reflexo de normas, ideias, simbolismos e discursos. Nestas abordagens, a paisagem é concebida como um elemento fixo, neutro e pré-existente, que é lido e interpretado discursivamente de modos diferentes por diferentes culturas (BENDER, 1998). Neste sentido, do ponto de vista ontológico a paisagem se reduz a um sistema discursivo. O que temos assim é um espaço que é universal e neutro, Natureza intocada, que é alterado e significado pela ação humana (WALLIS, 2009; PELLINI 2014). Este tipo de abordagem acaba não apenas privilegiando o elemento humano, mas acaba por cristalizar a dicotomia entre cultura e natureza, como domínios ontológicos separados. Mesmo nas abordagens ditas alternativas, como as abordagens fenomenológicas que focam na ideia da experiência humana e aquelas que



sugerem a existência de paisagens múltiplas, o que se considera como múltipla é na verdade a leitura e a interpretação da paisagem e não a paisagem propriamente dita, ou seja, há um espaço que continua sendo essencial, que é lido e transformado em paisagem através da ação, interpretação e vivência dos agentes humanos (TILLEY, 2004). Sendo assim, do ponto de vista ontológico mesmo as correntes de pensamento dentro da Arqueologia que têm procurado romper com o cartesianismo universalista, têm na realidade reproduzido sua estrutura. Como nos mostra Gnecco (2012), as chamadas Arqueologias alternativas vieram com uma promessa de mudança abrindo a Arqueologia a diversas outras vozes. Mas o que temos visto é apenas uma retórica de mudança desde que, na verdade, não só mantemos vivo os privilégios do arqueólogo frente às narrativas do passado, mas continuamos a sedimentar os sistemas de verdade. Desta maneira estamos perpetuando a violência epistêmica e a essência ontológica modernista da disciplina (GNECCO, 2012). A Arqueologia tem mudado para continuar fazendo o mesmo, ou seja, sendo um instrumento de poder que se estrutura a partir de uma ontologia fundada na separabilidade entre sujeitos e objetos.

Em contraposição a este tipo de pensamento, proponho pensarmos paisagem não como um elemento discursivo ou uma representação da experiência humana, mas como um elemento relacional que nasce do encontro entre corpos. Barad (2007) tem demonstrado que sujeito e objeto, humano e não-humano, matéria e discurso não são entidades independentes separadas por limites claros, mas fenômenos relacionais cujas *intra-ações* contínuas produzem uma série infinita de configurações e reconfigurações locais e contingentes da realidade (MCNAY, 2016). Barad (2007) utiliza o termo *intra-ação* ao invés de interação pois interação pressupõe a pré-existência de duas entidades que se relacionam. A cada nova *intra-ação*, processos senso-afetivos, que não podem ser pensados como uma exclusividade humana, mas como um processo relacional distribuído entre as entidades presentes em uma relação e formado pela força de convergência de perceber, sentir, afetar e ser afetado, nós e outras formas de existência, atualizamos as potencialidades do mundo e materializamos a realidade de nosso entorno (PELLINI, 2018). Diferentes *intra-ações* implicam em diferentes reconfigurações do conjunto de potencialidades, que por sua vez implicam, em identidades diferenciadas, nascidas e experimentadas de maneiras alternativas em cada nova relação, dentro de um contínuo espaço-temporal.

Mas o que isso significa do ponto de vista prático? Significa em primeiro lugar que as características da matéria não existem *a priori*, pois elas se manifestam dentro de uma relação. Sendo assim, partícula e onda, sujeito e objeto, matéria e significado, espaço e paisagem só existem dentro de uma relação. Em outras palavras, podemos dizer que não existem coisas individuais e independentes no mundo, coisas com propriedades pré-determinadas, características pré-estabelecidas, significados que antecedam aos objetos, há somente coisas dentro do fenômeno. Em segundo lugar significa que espaço e paisagem não podem ser pensados *a priori*, pois ambos são fruto de relações e sendo assim nem o espaço nem a paisagem podem ser pensados como elementos essenciais, pois são resultado de relações. Sujeitos e objetos são sujeitos e objetos apenas dentro de uma relação (PELLINI, 2018). Paisagem desta maneira passa a ser pensada como um elemento potencial que se materializa a partir de relações senso-afetivas específicas. Diferentes relações irão produzir realidades que são ontologicamente distintas e sendo assim podemos falar que a paisagem dos arqueólogos é ontologicamente diferente da paisagem qurnawi.

Pensemos por exemplo na tumba TT123. Para os arqueólogos a TT123 é um sítio arqueológico, para os turistas ela é local para visitação, para o estado ela é um bem patrimonial e para os qurnawis a TT123 é uma casa de pedra que serviu de moradia e estábulo para famílias qurnawis durante o século XX. Tais classifica es não são ressignifica es de um mesmo local essencial, uma tumba faraônica, mas são realidades ontológicas distintas. Desta maneira a casa de pedra, o local de visita o, o bem patrimonial e o sítio arqueológico não são ressignifica es de uma mesma tumba faraônica, mas são lugares ontologicamente distintos que surgem dos diferentes processos de *intra-a o* que ocorrem neste espaço. Sendo assim, quando arqueol gos, qurnawis, agentes do estado e turistas falam da TT123 eles estão falando de coisas diferentes, que se sobrepõe e coexistem no espaço, mas que são ao mesmo tempo realidades ontológicas distintas.

O mesmo pode ser dito de vários outros lugares no West Bank de Luxor. Para os arqueol gos Medinet Habu por exemplo,   o Templo de Milhões de Anos de Ramsés III, um sítio arqueológico e



patrimônio da humanidade. Já para os qurnawis, Habu é um local sagrado que possui *baraka*, benção. Os qurnawis, sobretudo as mulheres, acreditam que a fonte de água localizada na parte interna do templo possui poderes curativos e assim recorrem ao templo para curar problemas de infertilidade (VAN DER SPEK, 2011; SIMPSON, 2010). O fato de Habu ser um local abençoado, fonte de *baraka* não exclui a possibilidade que um qurnawi o veja também como um sítio arqueológico, um templo do passado, mesmo porque é muito provável que seja justamente sua longevidade que o transforme em fonte de *baraka* (EL-DALY, 2005). A diferença é que, para um arqueólogo, ele é apenas um sítio arqueológico, para um qurnawi, ele é inclusive um sítio arqueológico. Esses são mundos completamente diferentes. São mundos que não são apenas vividos, experimentados e significados de maneira diferente, por corpos diferentes, mas são mundos que diferem em sua essência ontológica.

Diferentes configurações da realidade têm diferentes implicações e impactos materiais no mundo. Por exemplo, quando um qurnawi toca um símbolo na parede do templo ou raspa as pinturas de uma tumba, o que ele está fazendo é coletar a *baraka* do local a fim de se curar de alguma enfermidade (GONNELLA, 2010; VAN DR SPEAK, 2011; PELLINI, 2018). Já para um arqueólogo, o ato de tocar as paredes de um templo, raspar colunas ou pinturas de uma tumba, são atividades que causam danos ao patrimônio e sendo assim necessitam ser impedidas em nome da preservação das condições originais dos monumentos. Quem está certo? Aqueles que raspam as paredes de um templo ou a pintura de uma tumba a fim de se curar de um câncer ou de um problema de infertilidade, ou aquele que chama tal atividade de credice ou de dano ao patrimônio? A resposta talvez não esteja na defesa de um lado ou outro desta equação, mas no entendimento de que a recusa em aceitar que as realidades do outro são realidades em seu próprio direito são as causas dos equívocos e da violência epistêmica. No caso de Qurna, a violência epistêmica, fruto da domesticação do passado e da criação de uma paisagem fixa - um cenário faraônico, um museu a céu aberto -, resultou na expropriação de mais de 10000 pessoas de suas casas. Não por coincidência, foi justamente a retórica preservacionista alicerçada na ideia de uma paisagem original faraônica, que justificou oficialmente a expropriação das comunidades de Qurna.

#### E AS BITUCAS?

Sentado aqui no *roof* do apartamento que aluguei este ano de 2020 em Luxor, apago um cigarro e penso novamente na bituca. Para mim as bitucas mostram o convívio entre populações locais, turistas, arqueólogos, agentes do governo, trabalhadores, homens, mulheres e tantos outros agentes em uma prática quase ritual. As bitucas, insignificantes quando comparadas a uma estátua de Osiris ou a um sarcófago de basalto negro, com seus diferentes odores, paladares, humores, afetam e são afetadas por aqueles que passaram pela tumba tanto no presente quanto no passado. Elas colocaram e ainda colocam em contato tantos humanos quanto não-humanos, colocam em contato materialidades arqueológicas e materialidades cotidianas, condensam todas as vozes, vidas e experiências dos que por aqui passaram. As bitucas, com seus estímulos sensoriais singulares, deram movimento a afetos que atualizaram diferentes paisagens, diferentes materialidades, diferentes ontologias. Elas são praticamente a materialização do equívoco.

#### Referências

- ALBERTI, Benjamin; FOWLES, Severin; HOLBRAAD, Martin; MARSHALL, Yvonne, WITMORE, Christopher. Worlds otherwise: archaeology, anthropology and ontological difference. *Current Anthropology*, v. 52, n. 6, p. 896–912, 2011.
- BARAD, Karen. *Meeting the Universe Halfway: quantum physics and the entanglement of matter and meaning*. London: Duke University Press, 2007.
- BIERBRIER, Morris. *Who Was Who in Egyptology?* 4<sup>th</sup> ed. London: The Egypt Exploration Society, 2014.
- DELEUZE, Gilles. *A Thousand Plateaus: capitalism and schizophrenia*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1987.



- EL DALY, Okasha. *Egyptology: the missing millennium*. London: UCL Press, 2005.
- ESCOLAR, DIEGO. Calingasta x-fileI: reflexiones para una Antropología de lo extraordinario. *Intersecciones en Antropología*, n. 11, p. 295-308, 2010.
- FATHY, Hassan. *Architecture for the Poor. an experiment in rural egypt*. Chicago: Chicago University Press, 1973.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Être Affecté. *Revue d'Histoire et d'Archives de l'Anthropologie*, n. 8, p. 3-9, 1990.
- GNECCO, Cristóbal. Arqueología multicultural: notas intempestivas. *Complutum*, v. 23, n. 2, p. 93-102, 2012.
- GONNELLA, Julia. Columns and hieroglyphs: magic spolia in medieval islamic architecture of northern Syria. *Muqarnas*, v. 27, 103-120, 2010.
- GÓRECKI, Tomasz. It might come in useful scavenging among the monks from the hermitage in mma 1152. Institut des Cultures Méditerranéennes et Orientales de l'Académie Polonaise des Sciences. *Études et Travaux XXVII*, p. 130-150, 2014.
- HOLBRAAD, Martin. Ontology, ethnography, archaeology: an afterword on the ontology of things. *Cambridge Archaeological Journal*, v. 19, n. 3, 431-441, 2009.
- JOMARD, Edme. *Description de l'Égypte, ou Recueil des Observations et des Recherches qui ont été Faites en Égypte Pendant l'Expédition de l'Armée Française*. Paris: C. L. F. Panckoucke, 1821.
- JONES, Alan; BOIVIN, Nicole. The malice of inanimate objects: material agency. In: BEAUDRY, Mary and HICKS, Dan. (eds.). *The Oxford Handbook of Material Culture Studies*, Oxford: Oxford University Press, p. 333-512, 2010.
- LANE, Edward. *Description of Egypt: notes and views in egypt and nubia, made during the years 1825, 1826, 1827, 1828: chiefly consisting of a series of descriptions and delineations of the monuments, scenery, &c. of those countries; the views, with few exceptions, made with the camera-lucida*. THOMPSON, Jason (ed.). Cairo: American University in Cairo Press, 2000.
- MAHMOUD, Shadia. Nationalization and personalization of the egyptian antiquities: henry salt a British general consul in egypt 1816 to 1827. *International Journal of Culture and History*, v. 3, p. 29-43, 2016.
- MITCHELL, Timothy. *Colonising Egypt*. Berkeley: Cambridge University Press, 1998.
- MITCHELL, Timothy. *Rule of Experts: egypt, techno-politics, modernity*. Berkeley: University of California Press, 2002.
- MOSTAFA, Rany. Grave robbers employ sheikhs to counter jinns in tombs. In: *The Cairo Post January 14*. Disponível em: [http://www.thecairopost.com/news/133369/inside\\_egypt/grave-robbers-employ-sheikhs-to-counter-jinn-in-tombs](http://www.thecairopost.com/news/133369/inside_egypt/grave-robbers-employ-sheikhs-to-counter-jinn-in-tombs). Acesso em: 15 fev. 2015.
- O'CONNELL, Elisabeth. Transforming monumental landscapes in late antique egypt: monastic dwellings in legal documents from western thebes. *Journal of Early Christian Studies*, n. 15, p. 239-273, 2007.
- PELLINI, José. Archaeology of Affection. In: SMITH, Claire (ed.). *Encyclopedia of Global Archaeology*, p. 1-9, 2018a.
- PELLINI, Jose. *Senses, Affects and Archaeology: changing the heart, the mind and the pants*. Cambridge: Cambridge Scholars, 2018.
- RHIND, A. Henry. *Thebes: its tombs and their tenants*. Reprint of 1862. New Jersey: Gorgias Press, 2002.
- SATTIN, A. *Letters from Egypt: a journey on the Nile 1849-1850*. New York: Weidenfeld and Nicolson, 1987.



- SHEEP, James; SHEPP, Daniel. *Shepp's world's fair photographed*: being a collection of original copyrighted photographs authorized and permitted by the management of the world's columbian exposition. Chicago: Globe Bible Publishing Co, 1893.
- SILBERMAN, Neil. Sultans, merchants, and minorities: the challenge of historical archaeology in the modern middle east. In: BARAM, Uzi and CARROLL, Lynda, (eds.). *A Historical Archaeology of the Ottoman Empire: breaking new ground*. New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 243–251, 2000.
- SIMPSON, Caroline. Modern qurna: pieces of an historical jigsaw. In: STRUDWICK, Nigel; TAYLOR, John (eds.). *The Theban Necropolis: past, present, and future*, proceedings of papers presented at an international 460 bibliography colloquium held at the british museum, london, july 2000. London: British Museum Press, 2003.
- SIMPSON, Caroline. Qurna: more pieces of an unfinished history. In: HAWASS, Zahy; IKRAM, Salima (eds.). *Thebes and Beyond: studies in honour of kent r. weeks*. Cairo: Supreme Council of Antiquities, 2010.
- SONNINI, Charles. *Travels in upper and lower egypt*. Translated by William Combe. London: J. Debrett, 1800.
- THOMPSON, Jason. *Wonderful Things: a history of egyptology: from antiquity to 1881*. Cairo: American University in Cairo Press, 2015.
- TILLEY, Chistopher. *The Materiality of Stone: explorations in landscape phenomenology*. Oxford: Berg, 2004.
- TIRADRITI, Francesco. *Twenty years of research in the cenotaph of harwa (TT37)*. Disponível em: <http://www.drhawass.com/wp/twenty--years--of--research--in--the--cenotaph--of--harwa--tt--37--by--francesco--tiradritti>. Acesso em: 1 jan. 2015.
- VAN DER SPEK, Kees. Feasts, Fertility, and Fear: Qurnawi Spirituality in the Ancient Theban Landscape. In: DORMAN, Peter; BRYAN, Betsy (eds.). Sacred Space and Sacred Function in Ancient Thebes. Occasional Proceedings of the Theban Workshop. *Studies in Ancient Oriental Civilization (SAOC)*. Chicago: Oriental Institute of the University of Chicago, v. 61, p. 177-87, 2003.
- VAN DER SPEK, Kees. *The Modern Neighbours of Tutankhamun: history, life and work in the villages of the theban west bank*. Cairo: American University in Cairo, 2011.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas Canibais: elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Perspectival anthropology and the method of controlled equivocation. *Tipiti*, v. 2, n. 1, p. 3-22, 2004.
- WYNN, Lisa. *Pyramids and Nightclubs: a travel ethnography of arab and western imaginations of egypt, from king tut and a colony of atlantis to rumours of sex orgies, urban legends about a marauding prince, and blonde belly dancers*. Austin: University of Texas, 2007.

